

A ANGUSTIANTE AVENTURA DO SER NO PERECER EM “APARIÇÃO”, DE VERGÍLIO FERREIRA

Prof. Ms. André Carneiro Ramos¹ (UERJ)

Resumo:

Este trabalho se propõe a discutir algumas questões relacionadas à corrente existencialista presente na obra "Aparição", do escritor português Vergílio Ferreira. Num tom epopéico, num espanto, por assim dizer, talvez possamos descortinar o dilema filosófico que se abre em pura verve inexplicável em seu romance, cuja coerência de pensamento revigora-se em meio a um inesperado encontro com o Ser que habita os assombros do homem e num mergulho em tais profundezas, espécie de confluência literário-filosófica, simbolismo cíclico e catalizador de toda uma angústia que, surpreendidos, entrevemos na escrita vergiliana. Algo feito enfrentamento. Qualquer coisa pertinente à aventura do mistério que celebra o Ser diante de si e do desconhecido.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira, Existencialismo, Filosofia, Literatura Comparada, Literatura Portuguesa.

Numa esfera de entendimento sobre a astúcia do herói aventureiro que se volta para si, imerso nas atribulações que lhe amoldam a natureza, inscreve-se o problema cabal discutido por Vergílio Ferreira em seu romance *Aparição*, lançado em 1959 num momento em que o Existencialismo se delineava com mais vigor em sua obra. Evidentemente, esforçou-se a descobrir o que significava e no que resultava o emaranhado de elucubrações que o personagem de Alberto Soares se predispunha a viver, entre o Passado, o Presente e o Futuro, nos espaços de Évora bem como no invólucro em que se transformava a sua casa do Alto. Numa de suas frases, o autor referencia no romance que “*Nesta casa enorme e deserta, nesta noite ofegante, neste silêncio de estalactites, a lua sabe a minha voz primordial*” (Ferreira, 1971, p. 9). A inquietação que pude sentir relacionou-se aos sons/pensamentos/visões que o protagonista, sempre sob um viés ontológico, tentou evidenciar (algo que talvez nem possa ser evidenciado). Sob a ótica de tal corrente filosófica, os acontecimentos narrados, as ações dos personagens e a psicologia destes haveriam de compor um cenário que, a princípio, acaba por despertar angústia e medo, sentimentos contrários à idéia de aventura, mas que contribuem para a elucidação e o fortalecimento outrora já delineado por Homero.

Medo do Ser, do não-Ser, enfim. É nessa direção que se estabelece o percurso de *Aparição*. O protagonista se vê preso/liberto a um temor sem explicação frente ao imponderável, na tentativa de se descobrir, revelar-se na “aparição fantástica das coisas”. Esse esforço do herói (ou anti-herói) em se descortinar lhe permite ir ao encontro de uma Verdade assustadora, fato central em sua existência, ou seja: O homem é um Ser-para-a-morte. Trata-se, pois, de uma prerrogativa que pode vir a despertar uma espécie de revolta alicerçada a um temor sem explicação. De qualquer modo, torna-se clara, na exegese do romance, a certeza de que esse temor pelo fim, esse medo, essa dúvida em relação ao perecer passa a nortear em momentos decisivos a busca de Alberto Soares pelo “Eu” que o habita, abrindo uma trilha para um talvez entendimento da Verdade. É certo que *Aparição* possui uma estrutura alicerçada num estudo nas sombras do “Ser-aí”, aquele que Heidegger denominou como *Dasein*. Nessa evidência, no buscar do passado à luz da lua e da razão, seria por demais poder recriá-lo sensivelmente, clareando as possíveis “verdades perfeitas”; portanto, qual epopéia de si mesmo, esse Eu-pensante que representa os homens-eleitos revelar-se-ia paulatinamente em determinadas situações/ações feito um inquiridor de uma realidade oculta, por vezes sua, por vezes do mundo, divulgada nos instantes-chave de um encontro dele consigo mesmo:

Como se verifica essa experiência existencial que permite a Heidegger trazer o nada para o centro da sua filosofia instalá-lo no coração do ser humano? Heidegger lembra que o tempo é uma dimensão essencial do “Ser-aí”, seu verdadeiro sentido. Jogado no mundo, pura existência, o “Ser-aí” se desprende, se desdobra no tempo. Heidegger conclui que o “Ser-aí” se projeta pelo tempo, sempre na direção do futuro. A existência – que lhe constitui a essência – se resume num lançar-se contínuo às suas possibilidades sempre renovadas. Da mesma forma que o futuro é a dimensão privilegiada do tempo, há uma possibilidade que tem privilégio sobre todas as demais: a morte. (MACIEL, 1986, p. 39).

Se cada época tem a sua verdade (palavras do próprio Vergílio), uma nuance Épica, digamos, existencialista, definir-se-ia num viés atual pelos ajustamentos do Ser no universo em que lhe foi dado viver, conviver e sobreviver... Como se vê no romance, o protagonista passa então a compreender-se e a buscar-se no devir e na transcendência por meio de revelações desse porte, tornando-se acentuado em *Aparição* o conotante de uma espécie de fração, de separação temporal. O Presente se fratura em Passado e Futuro, proporcionando a introspecção que o personagem anseia sentir por si só e que seria a responsável pela recriação de um rele momento no chamado instante-chave. Essa fração passa a configurar na exegese qual uma espécie de genitora da eternidade, o que favorece o reencontro com as Origens. Em uma sala vazia, banhada pelo luar do existir, o Ser passa a se considerar em si próprio, encontrando-se consciente por aquilo que descobre, ou melhor, relembra...

(...) Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro. Uma lua quente de verão entra pela varanda, ilumina uma jarra de flores sobre a mesa. Olho essa jarra, essas flores, e escuto o indício de um rumor de vida, o sinal obscuro de uma memória de origens. No chão da velha casa a água da lua fascina-me. Tento, há quantos anos, vencer a dureza dos dias, das idéias solidificadas, a espessura dos hábitos, que me constrange e tranqüiliza. Tento descobrir a face última das coisas e ler aí a minha verdade perfeita. Mas tudo esquece tão cedo, tudo é tão cedo inacessível. Nesta casa enorme e deserta, nesta noite ofegante, neste silêncio de estalactites, a lua sabe a minha voz primordial (...). (FERREIRA, 1971, p. 9).

A noite cintila como facilitadora de uma possível revelação do existir, estimulando sensações que influenciam na dicotomia Ser e não-Ser; o instante-chave descortina-se na busca pelos detalhes, nas particularidades de um todo em volta. Segundo Heidegger e outros existencialistas, uma determinada experiência emocional pode se transformar numa via de acesso ao questionamento de algumas verdades sobre a essência humana:

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A procura ciente pode transformar-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora. (HEIDEGGER, 1988, p. 30).

Essa noção daquilo que seria um Ser sem-abrigo acaba percebida/investigada pelo protagonista quando, num tom de estado de graça, tal vislumbre lhe permite visualizar as imagens de sua condição, que só podem ser captadas por intermédio de um olhar por sobre a “aparição” transcendente de busca por uma Verdade outrora considerada algo estabelecido, como a Ordem. Ou o Mistério. O “ente” é a metonímia do Mistério. Talvez seja exatamente por isso que, num constante processo de separação temporal, algo que se pode chamar de Verdade e se separa do cotidiano banal e redutor desse homem em sua capacidade de reconhecimento das coisas do mundo; logo, observa-se nessa Épica angustiante que, em sua existência redutora, tanto o individual quanto

o Tudo em sua volta é criado e transformado a fim de se gerar a ilusão fatal de um devir que se desgasta na direção do perecer; num estrondo que se desnuda na noite do existir, Alberto é transportado para a vivência súbita dos homens-eleitos.

Contrário a esse sentido, aos não-eleitos sobraria uma realidade redutora do homem, imediata, humanamente possível e *a priori*, destituída de todo o revés que os instantes-chave proporcionam àqueles que auscultam o eco das ressonâncias do passado: sons/pensamentos/visões reveladores de uma grandiloquente existência em oposição ao mero reconhecimento daquilo que, mormente, apresenta-se:

(...) porque a chuva tem para mim o abalo da revelação e abre como auréola o halo da memória ao que nela aconteceu. Subtilmente, aliás, é à vibração inefável das horas da natureza que eu posso reconhecer melhor o que me vivi no passado. Um sol matinal, a opressão das sextas do Verão, o silêncio lunar, os ventos áridos de Março, os ociosos nevoeiros, as massas pluviosas, os frios cristalizados são o acorde longínquo da música que me povoa, tecem a harmonia vaga de tudo que fiz e pensei. A minha vida assinala-se em breves pontos de referência. (FERREIRA, 1971, p. 56).

A cada passagem em que a escrita se firma como um ato de devastação ligado aos instantes-chave, nota-se que Alberto Soares, na procura de sua Verdade, tenta compreender o cerne de cada um por vezes na divisa entre pensamento e palavra; algo misterioso, obrigado a coexistir com um efeito “desagregador”. Vergílio Ferreira nos comprova isso. As “lacunas e os contrastes” de sua exegese se efetivam, sucedem-se, tocam-se, e, inúmeras vezes, justapõem-se; ao se considerar tão-somente o personagem de Alberto Soares, constata-se que o mesmo ora se posiciona abertamente em relação à família (sentindo-se inútil perante a morte do pai), ora se projeta para fora de suas raízes (o que corrobora para um entendimento de si e dos outros); ao habitar a sua antiga casa, passa a viver em prol do relato de suas experiências, presentificando o seu Passado e o seu Futuro, fundando uma espécie de projeto para a sua existência. E tal mecanismo envolve a linguagem salvadora e refeita, que se torna um escape, contudo sem deixar de ser a geradora de conflitos que revolvem atos e pensamentos. Suas palavras, segundo seus próprios dizeres, são como “pedras”...

E, todavia, como é difícil explicar-me! Há no homem o dom perverso da banalização. Estamos condenados a pensar com palavras, a sentir em palavras, se queremos pelo menos que os outros sintam conosco. Mas as palavras são pedras. Toda manhã lutei não apenas com elas para me exprimir, mas ainda comigo mesmo para apanhar a minha evidência. A luz viva nas frestas da janela, o rumor da casa e da rua, a minha instalação nas coisas imediatas mineralizavam-me, embruteciam-me. Tinha o meu cérebro estável como uma pedra esquadrada, estava esquecido de tudo e no entanto sabia de tudo. Para recuperar a minha evidência necessitava de um estado de graça.. (FERREIRA, 1971, p. 32).

Com base nesse trecho, passa-se a impugnar a morte não apenas como um fardo imperativo, mas uma hipótese que favorece o questionamento do protagonista, pois que sua inflexível certeza pode vir a potencializar, no coração dos homens-eleitos, a especulação pelo invisível e o imponderável, onde a veracidade do fim o fará isolar-se consigo mesmo e pensar na existência e amargura de sua solidão. Mas há mais: essa condição humana o levará a “justificar a vida em face da inverossimilhança da morte”.

Constatando que o fim habita o âmago do Ser desde o início de tudo, com ares de coisa inabalável, Alberto Soares depara-se com um dado que se torna sucessivamente mais real a partir de suas descobertas. O perecer é a nulidade, o vazio perante o Sagrado que o homem construiu por intermédio de sua existência. Esse Tudo, essa Ordem, feito “aparição” torna-se a Verdade

procurada. Para muitos, algo dificílimo de ser examinado, ainda mais pelo último gole do pensamento sempre se reverter em horror, pois que não existe qualquer abstração que possa idealizar o que venha a ser o Mistério. É desse lugar-limite que brota a angústia do *Dasein* e a idéia de sua presença, bem como de sua finitude, algo revelado aos olhos facilmente mas que se oculta numa claridade ulterior. De acordo com Blanchot, é numa espécie de antemanhã da existência que o nosso direito a ela se concretiza:

O Sagrado é o dia: não o dia opondo-se à noite, nem a luz resplandecendo de cima, nem a chama que Empédocles vai buscar embaixo. É o dia, mas anterior ao dia e sempre anterior a si mesmo, é um antedia, uma claridade de antes da claridade e da qual somos os mais próximos, quando percebemos o despertar, o longínquo infinitamente afastado do amanhecer, que é também o que nos é mais íntimo, mais interior do que qualquer interioridade. (BLANCHOT, 1997, p. 121).

Frente ao cadáver paterno, já não encontra a realidade do que ele foi, mas apenas um corpo inerte, destituído das características que o tornavam único perante o mundo. Diante de si mesmo, feito um espelhamento do pai, é-lhe conferida a certeza de que tal mistério, ou seja, o Tudo que lhe é determinado transcende a consciência que o faz ter consciência; tendo a percepção ou não do que é a morte, descobre que sua idéia, sua abstração, não reside nas conceituações plenas do “Eu”, aquelas que usualmente pensa em conhecer. E reflete que, consigo, tal finitude igualmente se repetirá:

Então bruscamente ataca-me todo o corpo, as vísceras, a garganta, o absurdo negro, o absurdo córneo, a estúpida inverossimilhança da morte. Como é possível? Onde a realidade profunda da tua pessoa, meu velho? Onde, não os teus olhos, mas o teu olhar?, não a tua boca, mas o espírito que a vivia? Onde, não os teus pés ou as tuas mãos, mas aquilo que eras tu e se exprimia aí? Vejo, vejo, céus, eu vejo aquilo que te habitava e eras tu e sei que isso não era nada, que era um puro arranjo de nervos, carne e ossos agora a apodrecerem. Mas o que me estrangula de pânico, me sufoca de vertigem é teres sido vivo, é tu estares ainda todo uno para mim, na memória do teu riso, no tom da tua voz, que era lenta, sossegada, nas idéias que punhas a volver entre nós, na realidade fulgurante de seres uma pessoa (...) E, no entanto, sei, sei que esse tu real que te habitava não era senão a sua morada; como o espaço de uma casa, a intimidade do home, são as paredes que o fazem: derrubada a casa, a intimidade que lá havia também morre. (FERREIRA, 1971, p. 33).

Ao longo de *Aparição*, percebe-se o esforço que o personagem central realiza a fim de se estabelecer um entendimento acerca do enigma finito/infinito. Num plano vertical, ao vasculhar sua condição humana, Alberto Soares volta-se para a morte questionando-a como fenômeno meramente físico; efetiva-se, numa supra-compreensão, a dúvida sobre a elevação da essência humana ao infinito, contrariando a crueza finita da existência que, paradoxalmente, por ora pulsante, extrapola-se em instintos, pensamentos, palavras e ações. Por outro lado, a presença que se oculta por dentro de um “Eu” que se esvai, aquilo que subsiste ao perecer por meio de lembranças reais e à sombra de pseudo-recordações, adquire força peculiar na medida em que mais verdadeiramente for sentida em “comunhão com a evidência” que não se esgota, até mesmo sob a assertiva de um dogma religioso, feito transição.

Viver, desabrochar, permanecer. Nessa circularidade, a morte agiria não como a definição para um estado de finitude, mas, sim, um revigoramento do Ser:

(...) o homem é pessoalmente, individualmente, um valor; que a sua liberdade (...) é uma riqueza, uma necessidade estrutural de que não poderá abdicar; que a sua vida profunda, a sua autenticidade, o seu mundo interior não deve perder-se entre

a trituração do dia-a-dia; e finalmente que, fixado o homem nos estritos limites, só por distração ou imbecilidade ou por crime se não vê ou não deixa ver que ao mesmo homem impende a tarefa ingente e grandiosa de se restabelecer em harmonia no mundo, para que em harmonia a sua vida lucidamente se realize desde o nascer ao morrer.(FERREIRA, 1991, p. 48).

Finalizando toda essa angustiante epopéia a sensação mais forte que percebo é a do espanto, da certeza de um dilema que se torna imenso, inexplicável aos olhos do homem que se descortina sem-abrigo. Sob o luar do existir, sob o eco ressonante de um Passado que presentifica o Futuro, Alberto Soares, esse Prometeu moderno, acorrentado à rocha inexplicável de si mesmo, revela por detrás de sua sombra um escritor chamado Vergílio Ferreira, que pela justeza possível da palavra em consonância ao pensamento, compreende-se e revigora-se por meio desse Épico encontro com a pessoa que nos habita.

Referências Bibliográficas

- [1] BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- [2] FERREIRA, Vergílio. *Aparição*. Biblioteca Básico Verbo. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- [3] _____. *Conta-Corrente*. 1º vol. 3ª ed. Lisboa: Ed. Bertrand, 1982.
- [4] _____. *Espaço do invisível*. 1º vol. 1ª ed. Lisboa: Ed. Arcádia, 1965.
- [5] _____. *Espaço do invisível*. 2º vol. 2ª ed. Lisboa: Ed. Bertrand, 1991.
- [6] FERREIRA, Vergílio. *Espaço do invisível*. 3º vol. 1ª ed. Lisboa: Ed. Arcádia, 1977.
- [7] _____. *Um escritor apresenta-se*. Introdução, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão. Biblioteca de Autores Portugueses. Lisboa: Casa da Moeda, 1981.
- [8] GODINHO, Helder. *O universo imaginário de Vergílio Ferreira*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.
- [9] HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- [10] HÖLDERLIN, Friedrich. *Reflexões*. São Paulo: Relume Dumará, s/d.
- [11] MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre – vida e obra*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1986.
- [12] RODRIGUES, Isabel Cristina. *A poética do romance em Vergílio Ferreira*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

Autor

¹ **André Carneiro RAMOS, Prof. Ms.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
andremacartney@hotmail.com